

## Homenagear Cedraz é garantir que sua obra não será esquecida

### Chico Castro Jr.

"A vida é o que acontece enquanto fazemos planos", disse certa vez o autor de *Imagine* durante uma entrevista. Em novembro do ano passado, o quadrinista baiano Antonio Cedraz delineou diversos dos seus (muitos) planos para este jornalista, durante uma entrevista para a revista Muito.

Após um longo período de combate ao câncer, Cedraz curtia um momento positivo: estava em remissão e planejava retomar a produção das tirinhas da Turma do Xaxado, interrompida desde que iniciara o tratamento, alguns anos antes.

Mais: tinha em vista a produção de uma série de animações do Xaxado para a TV e outras publicações infantojuvenis de cunho educativo.

Conversei durante um par de horas com Cedraz na sala de sua casa, em Brotas. Quando terminamos, o lépido cartunista me ofereceu uma carona de volta para o jornal. Ia acertar alguma exposição do Xaxado em um shopping da região do Iguaçu/Av. Tancredo Neves.

Na saída, notei o majestoso mandacaru que adorna a saída de sua garagem. O estalo foi imediato: "Cedraz, posso tirar uma foto sua na frente dessa planta?". Apressado, ele concordou e posou do jeito que estava: chaves do carro na mão, a fralda da camisa parcialmente dentro das calças. Saquei o celular e cliquei duas vezes.

O retrato íntimo, seguido da carona, foi a última vez que vi Cedraz pessoalmente. Algumas semanas depois, soube por amigos em comum que o câncer tinha voltado. "A vida é o que acontece enquanto..."

Ainda nos falamos por telefone depois disso, mas nem por um segundo senti medo ou tris-

teza em sua voz.

Esta semana, Cedraz nos deixou, engrossando a lista que fará de 2014 um ano farto de perdas incalculáveis para a cultura e o jornalismo baianos: João Ubaldo, João Carlos Sampaio, André Setaro, Antonio Cedraz. E que pare por aí, pois já está de mau tamanho.

### Xaxado é nossa Mafalda

Tudo isto posto, afirmo que, antes de lamentar a perda de Cedraz (algo inevitável), prefiro celebrar sua brilhante passagem por este planeta.

Maior nome dos quadrinhos baianos, era da Bahia que ele tirava inspiração para suas criações, mas, ao mesmo tempo, era também aqui que tinha menos reconhecimento – não que tivesse mágoa por isso. Não havia lugar no seu peito para ressentimento.

Ainda assim, foi múltiplas vezes premiado com o Troféu HQ-Mix, maior premiação dos quadrinhos brasileiros. Foi consagrado Mestre do Quadrinho Nacional pelo Prêmio Ângelo Agostini, outra importante premiação. Viajava constantemente pelo país, recebendo homenagens em feiras e convenções de quadrinhos infantis. Sua obra é objeto de estudo por pesquisadores, mestrandos e doutorandos no Brasil e no exterior.

Enfim: um raro baiano contemporâneo reconhecido nacio-

Antonio Cedraz / Divulgação



Xaxado e sua turma, criação imortal de Antonio Cedraz



Antonio Cedraz (1945-2014), à vontade em retrato íntimo feito pelo jornalista em novembro de 2013

Chico Castro Jr. / Ag. A TARDE

nalmente por algo mais do que um belo par de pernas ou uma dancinha de gosto duvidoso.

"Meus próximos projetos são para contar a história de Maria Felipa e de Caramuru. O que não falta na Bahia é assunto: Guerra dos Alfaiates, Revolta dos Malês, Cosme de Farias... Eu quero é dar ênfase à nossa história, à nossa cultura", disse ele a este jornalista durante uma de suas (muitas) entrevistas.

Não sei em que pé ele deixou estes projetos – ou mesmo se chegou a inicia-los. O que ele já deixou já é o bastante para içá-lo à condição não só de Mestre do Quadrinho Nacional, mas da própria cultura baiana.

Mais importante do que agora pensar em estátua ou dar-lhe um nome de rua, é se certificar que sua obra não será esquecida ou relegada ao mofo das prateleiras. É levar sua obra, tão importante e cheia de significados, universal e acessível tanto para crianças quanto adultos, às escolas públicas e privadas, centros culturais – aonde for.

Por que Xaxado está para os baianos como Mafalda está para os argentinos.

Em suas tiras aparentemente infantis, Cedraz e a valorosa equipe do seu estúdio fizeram todas as perguntas que não ainda cansamos de fazer: por que nosso povo vive na miséria, na fome e na ignorância enquanto a classe política goza de todas as benesses? Por que a seca? Por que o racismo? Por que a igreja? Por que os coronéis? Por que você isso? Por que eu aquilo? Tudo sem abrir mão da leveza, do humor, da inteligência. Isso, definitivamente, não é pouco.

Talvez por tudo isso eu, inconscientemente, tenha tido o impulso de pedir a ele para posar com o mandacaru. Era óbvio que se tratavam de semelhantes: sertanejos fortes, talhados para prosperar na adversidade. Nunca o esqueceremos.